

Silvana G. Ferreyra

LA LIBERTAD DEL DOGMA



Un análisis del proyecto mariateguiano a la luz de sus vínculos con la Internacional Comunista (1926-1930)

La libertad del dogma: Un análisis del proyecto mariateguiano a la luz de sus vínculos con la Internacional Comunista (1926-1930).

Lima: Librería Editorial Minerva, 2011. 234 p.

Silvana G. Ferreyra

Luiz Bernardo Pericás¹

É possível perceber, em anos recentes, o crescente interesse de estudiosos brasileiros e latino-americanos pela obra mariateguiana, não apenas em seus aspectos *estritamente* culturalistas ou historicistas (“supostamente” dissociados de sua militância política, o que o transformaria, dessa forma, quase num *scholar* puro, essencialmente um “intérprete” da formação nacional peruana, tornando-o, portanto, mais palatável ao meio acadêmico “pós-moderno”), mas a partir de análises multifacetadas, conectando sempre os diversos aspectos de seu pensamento ao contexto social em que vivia e dentro do âmbito mais amplo da tradição marxista. Seu diálogo direto ou indireto com os clássicos da política e com seus contemporâneos (fossem de seu país ou estrangeiros), sua atuação na imprensa, sua enorme variedade de interesses e sua militância (especialmente no final da vida, com a fundação do Partido Socialista e da Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru (CGTP)), são todos elementos necessários para a compreensão deste personagem complexo, autor de uma obra que, publicada em sua maior parte postumamente, contém mais de 20 volumes (incluídos os textos de juventude e correspondência), nos quais discute temas tão distintos como cinema, literatura, artes plásticas, educação, relações internacionais, socialismo, indigenismo, fascismo, a vida e a atuação de diferentes personalidades de sua época e a trajetória de algumas experiências revolucionárias.

Na última década, várias coletâneas de José Carlos Mariátegui foram

editadas por aqui, dissertações e teses escritas e defendidas por alunos universitários, e cursos, exclusivamente sobre ele, ministrados em movimentos sociais como o MST, por exemplo. Uma nova geração de “mariateguistas”, portanto, começa a ser formada em todo o continente. Já nos Estados Unidos, o norte-americano Harry Vanden, professor da University of South Florida e pioneiro nos estudos sobre o Amauta em seu país, organizou a mais extensa e completa compilação até hoje de textos do peruano traduzidos para o inglês, *José Carlos Mariátegui: An Anthology*, editada em 2011 pela Monthly Review Press. Talvez um sinal claro do aumento da importância e interesse pelo autor de *La escena contemporánea* (inclusive em termos simbólicos) seja a constituição, poucos anos atrás, da Cátedra José Carlos Mariátegui em Lima, no Peru, dirigida por Sandro Mariátegui Chiappe e pela escritora Sara Beatriz Guardia, que conta, entre seus membros, com nomes conhecidos, como Antonio Melis, Miguel Mazzeo, Michael Löwy e Roland Forgues, só para citar alguns.

É dentro desse contexto e tendência de crescente revalorização de José Carlos Mariátegui que se inscreve o livro da jovem pesquisadora argentina Silvana G. Ferreyra, *La libertad del dogma: un análisis del proyecto mariateguiano a la luz de sus vínculos con la Internacional Comunista (1926-1930)*, lançado também em 2011 pela Minerva, tradicional casa editorial peruana. Novos trabalhos sobre Mariátegui são sempre bem-vindos, inclusive aqueles provenientes do ambiente universitário, como este, produzido por uma estudante de doutorado que tem há alguns anos se debruçado sobre a vida e atuação do fundador da CGTP e temas correlatos. Ainda assim, o livro de Ferreyra (originalmente um trabalho de conclusão de curso de licenciatura) apresenta uma série de limitações. Ele pode ser visto mais como uma “carta de intenções” do que um produto acabado. Se ele serve como apanhado geral e síntese (bastante generalizante) das distintas interpretações do legado político-ideológico do Amauta e mostra um panorama breve dos debates dentro da Internacional Comunista (com ênfase, como seria de se supor, na I Conferência Comunista Latino-Americana de Buenos Aires, em 1929), não vai além das fronteiras já exploradas por outros estudiosos. Autores como Alberto Flores Galindo (e seu pioneiro, debatido e, por vezes, contestado, *La agonía de Mariátegui: la polémica con la Komintern*), Ricardo Luna Vegas, César Germaná, Osvaldo Fernández Díaz, José Aricó, Diego Meseguer Illán, Antonio Melis e Roland Forgues (só para citar alguns) trilharam o mesmo caminho, e com maior inventividade, ineditismo e profundidade.

“Um trabalho concebido como exercício de pesquisa”, afirma a autora, no início da obra. Mais adiante ela irá reconhecer suas “limitações para encarar semelhante labor, próprias de nossos primeiros passos na pesquisa, assim

como dos recursos materiais disponíveis”. O fato é que a busca e a utilização de material documental (em acervos e arquivos partidários, estatais ou familiares); o uso de *vasta* bibliografia; e um esforço interpretativo original, *conjugados*, são fundamentais para que um trabalho historiográfico deixe de ser *apenas* um compêndio de informações requentadas e se torne um marco, uma referência sobre o assunto. E esses elementos faltam no livro de Ferreyra, que parece ficar no meio do caminho em vários tópicos, e que está mais próximo, quiçá, da Sociologia do que propriamente da análise historiográfica (ainda que a autora afirme ter feito um “trabalho filológico minucioso” e aparentemente consultado os arquivos do Partido Comunista Argentino).

La libertad del dogma carece de uma melhor contextualização, inclusive da própria trajetória da Internacional Comunista, seus múltiplos debates internos, seus personagens, suas fricções, seu desenvolvimento. A literatura sobre a Internacional Comunista é bastante rica, e autores como Julius Braunthal, O. H. Gankin, H. H. Fischer, F. Borkenau, R. Palme Dutt, Günther Nollau, Max Beloff, David Kirby, Kevin McDermott, Peter Huber, Aldo Agosti, Aleksandr Vatlin, Tim Rees, Hugh Wilford, Barry Carr, Harvey Klehr, John Earl Haynes, Kyrill Anderson e quem sabe, inclusive, os brasileiros Michel Zaidan e Marcos Del Roio, poderiam ter sido consultados e utilizados, o que certamente robusteceria o trabalho. Até mesmo a formação e as propostas dos diferentes partidos comunistas do continente americano e seus principais atores na Internacional Comunista (dirigentes e intelectuais) poderiam ter sido mais explorados, o que daria maior vigor ao livro e serviria para contrapor ou matizar as propostas mariateguianas sobre temas como a questão de “raças” (importante aqui colocar o termo com aspas) ou a estruturação do partido. Uma possível discussão sobre as concepções de Ricardo Paredes, por exemplo, intelectual marxista e dirigente político equatoriano, em confronto ou comparação com o arcabouço teórico mariateguiano e a experiência organizacional do Partido Socialista Peruano, poderia ser útil para iluminar as sutilezas e os desencontros de concepções, como aquelas sobre a questão indígena.

No primeiro capítulo, a pesquisadora resume, a partir de uma série de fontes conhecidas e bastante citadas em obras diversas, as diferentes apreciações político-ideológicas sobre José Carlos Mariátegui: seu suposto “aprismo”, “marxismo-leninismo”, “stalinismo”, “populismo” e “senderismo”; sua “heterodoxia” ou “ortodoxia”. “Segundo fontes distintas”, diz Ferreyra, a interpretação de Mariátegui como um “populista”, por exemplo, feita pelo soviético V. M. Miroshevsky, teria sido influenciada por Eudocio Ravines. Correto. Só não se sabe quais são as “fontes distintas”, que a autora aparentemente esqueceu-se de mencionar...

No entanto, ao final daquela seção, ela instrumentaliza (proposital ou ingenuamente) o pensamento flexível e cambiante de Lenin, neste caso retirado de seu *Que fazer?*, sem contextualizá-lo ou mostrar outros ângulos do líder bolchevique, transcrevendo um trecho *tailor-made* para, de um lado, ilustrar a posição que defende, e de outro, inscrever o Amauta indubitavelmente na tradição leninista. Pode até estar seguindo o caminho certo. Mas a *forma* como o faz, incompleta e utilitarista, é deficiente e frágil. Uma senda perigosa para um historiador. Mister, portanto, a inclusão de excertos análogos e representativos, extratos “similares” de diferentes períodos e obras leninianas... tudo aquilo, portanto, que encadeasse o discurso e que constituísse uma linha coerente de pensamento que se encaixasse, quiçá (mesmo que de maneira tênue), no ideário mariateguiano. Um estudo mais acurado da vida e da obra de Vladimir Ilitch Ulianov mostrará (como dizia Che Guevara durante o debate econômico em Cuba) “dois, três, muitos Lenin”, o que serve para indicar que o mesmo dirigente que atuou de determinada forma durante a NEP teve, anteriormente, posições diversas. E que se ele tivesse vivido alguns anos mais, poderia também ter perseguido sendas variegadas e até mais radicais (especialmente quando tratamos de alguém tão pragmático e comprometido como ele).

Já no capítulo dois, a autora chega a afirmar, não sem certo exagero, que “as múltiplas apropriações do legado do Amauta... foram o resultado de algo mais que a confusão de ingênuos intérpretes ante um pensamento complexo”. Com isso, jogam-se fora dezenas de trabalhos (que podem, sem dúvida, ser contestados) e muitos estudiosos sérios (considerados, de forma geral, “ingênuos” e incapazes de compreender um “pensamento complexo”), e chega-se ao livro de Ferreyra, que, aparentemente, conseguirá entender melhor, ela sim, o itinerário e o receituário político e intelectual de Mariátegui!

Ao final, a pesquisadora inclui um artigo sobre a revolução mexicana, tema interessantíssimo, que, se estendido, poderia funcionar como ensaio em periódico acadêmico (há indicações de que já havia sido incluído anteriormente em *Memorias arbitradas de las Jornadas Internacionales de Problemas Latinoamericanos, Los Movimientos Sociales en América Latina: pasado, presente y perspectivas*). Também caberia em formato de livro se colocado de modo orgânico num trabalho organizado de maneira distinta. Como está, destoa, entrando quase como um apêndice, e ficando, de certa forma, deslocado do resto (aqui sugerimos nosso “José Carlos Mariátegui e o México”, *Margem Esquerda*, n. 15, p. 113-142, novembro de 2010).

Como texto de divulgação, *La libertad del dogma* certamente cumpre bem o seu papel. Pode servir, quem sabe, como embrião ou ponto de partida para um futuro trabalho de maior fôlego.

NOTA

¹ Luiz Bernardo Pericás é formado em História pela George Washington University, doutor em História Econômica pela USP, pós-doutorado em Ciência Política pela FLACSO (México), onde foi professor convidado. Foi também *Visiting Scholar* na University of Texas at Austin e *Visiting Fellow* na Australian National University, em Canberra. É autor de vários livros, como *Che Guevara and the Economic Debate in Cuba* (Nova Iorque, Atropos Press, 2009; publicado na Argentina pela Ediciones Corregidor, 2011) e *Mystery Train* (São Paulo, Brasiliense, 2007). Recebeu a menção honrosa do Prêmio Casa de las Américas em 2012 por seu *Os cangaceiros* (São Paulo, Boitempo, 2010). É professor-pesquisador visitante (pós-doutoral) do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Contato do autor: lbpericas@hotmail.com.